

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO SUPERIOR EM PSICOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
PROF. DRA. KARINA CARVALHO VERAS DE SOUZA**

**JADY MARIA SALGUEIRO DA SILVA
MARIA BEATRIZ MELO DE ARAÚJO MEDEIROS ANDRADE**

MANHÊS: COMPONDO A FORMAÇÃO DO EU SEGUNDO A PSICANÁLISE

**Natal/RN
2023**

MANHÊS: COMPONDO A FORMAÇÃO DO EU SEGUNDO A PSICANÁLISE

Jady Maria Salgueiro da Silva¹

Maria Beatriz Melo de Araújo Medeiros Andrade²

Dra. Karina Carvalho Veras de Souza³

Ao longo dos séculos, estudiosos que buscavam compreender como se dava a formação do sujeito foram conduzidos a observar as relações primárias do indivíduo, em especial a relação da mãe com o seu bebê, constatando que a configuração da relação mãe-bebê é fundamental para a subjetividade, e que se encontra atravessada pela linguagem. Com base em teóricos como Sigmund Freud, Jacques Lacan, Melanie Klein e Donald W. Winnicott dentre outros, buscamos identificar essa relação no âmbito mãe-bebê baseando-se no conceito de Manhês, língua própria utilizada para se comunicar com seus filhos. O objetivo deste trabalho é apresentar a função do Manhês na relação mãe-bebê. De forma mais específica, contextualizá-lo e apresentar a sua conjuntura na função articulada de dimensão simbólica, que possui um importante papel na formação do Eu do bebê. Diante da análise de conteúdo dos textos selecionados, percebeu-se que a dimensão simbólica do Manhês era algo recorrente nos textos dissertando sobre tal fenômeno. O Manhês possui um importante papel na separação do Eu do bebê para com o Outro da mãe. Está vinculando-se ao simbolismo da formação de subjetividade individual do Eu, que neste caso é resultado de uma prosódia – esta que caracteriza-se como um objeto da pulsão oral – presente na voz materna quando direcionada ao bebê. Este trabalho permitiu a reflexão sobre a importância do manhês na sustentação do apetite simbólico do bebê, que por sua vez vincula-se à função articulada de dimensão simbólica da formação do Eu e reconhecimento do Outro, este um passo importante na formação da subjetividade individual.

Palavras-Chave: Manhês. Mãe-Bebê. Eu. Outro. Psicanálise.

¹ Aluna de graduação em Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN)

² Aluna de graduação em Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN)

³ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos, os estudiosos que buscavam compreender como se dava a formação do sujeito foram conduzidos a observar as relações primárias do indivíduo, a partir da referente da mãe com o seu bebê, observando que a matriz relacional mãe-bebê é fundante da subjetividade, e que esta se dá pelo atravessamento da linguagem.

O estudo, cujo interesse principal estava vinculado a essa relação e, através do qual se iniciou a discussão sobre a importância deste tema, teve sua origem no período final da segunda guerra mundial, através do estudo de bebês órfãos de mãe, por morte e abandono. Estudo esse que constatou distúrbios nessas crianças ocasionados pela ausência materna. (SPITZ, 1998 *apud* SILVA; PORTO, 2016). Com base em teóricos como Freud, Lacan, Winnicott, Klein, dentre outros, buscamos identificar essa relação no âmbito mãe-bebê baseando-se no conceito de *Manhês*, língua própria utilizada pelos pais para se comunicar com seus filhos, para compreender como é a construção do vínculo e da subjetividade com base nesse processo.

Os estudos nos anos 60, tiveram como objetivo a quebra da ideia de linguagem inata no bebê independente do ambiente que o sujeito era desenvolvido. A partir disso, o tal “*discurso materno*” foi se constituindo no campo acadêmico por diversas nomenclaturas como, *Child-Directed Speech, Infant-Directed Speech, Baby Talk*. Foi somente em 1975 que Elissa L. Newport introduziu o termo “*motherese*”, com sua dissertação de PhD pela Universidade da Pensilvânia. No Brasil, a tradução do termo “*motherese*” para “*manhês*” foi feita por Cláudia de Lemos, em 1986 (FERREIRA, 2015), sendo o termo de referência dos demais quando se trata da comunicação na relação mãe-bebê.

Para Silva e Porto (2016), pela figura da mãe, assume a tarefa de adaptar-se ao bebê, proporcionando os estímulos necessários para recebê-lo e integrá-lo ao ambiente para dar continuidade ao processo de desenvolvimento iniciado no meio intrauterino. Para isso, uma das formas de integrar o bebê ao meio ambiente e construir vínculo, a fala entra como um principal mecanismo de inserção desse sujeito, sendo, adaptada pela fala materna de cuidado e proteção, direcionando o bebê para o desenvolvimento de sentidos, a partir de suas emoções, reações físicas e objetais.

Nessa dimensão simbólica da fala, podemos atribuir ao *manhês* uma posição essencial na formação do Eu, do bebê, através do qual ele se desenvolve a reconhecer a existência de um Outro, a partir do processo de identificação.

Os estudos psicanalíticos apontam que o bebê, ao nascer, possui fome de voz, sustentando que isso é um apetite simbólico. (CATÃO, 2009 *apud* PIEROTTI *et al.*, 2010; FERNALD, 1982 *apud* LAZNIK, 2000). Este modo de tratar a sonoridade materna

como enganche simbólico nós permanente questionar: de que voz se trata? Que voz é essa que produz originário de significantes?

Para tais autores, não é a voz de qualquer um, para que o *infans* não se torne impassível diante a fala, é preciso que haja na voz materna algo bastante singular, uma prosódia, – essa caracterizada como primeiro objeto da pulsão oral por Laznik (2000) — ou seja referencial ao ritmo, à entonação e à acentuação da língua falada, singular, conhecida como Manhês, que Laznik (*op. cit*) ainda acrescenta como apresentando “[...] uma série de características específicas de gramática, de pontuação, de escansão, e uma prosódia especial” que se caracteriza por estupefação e alegria.

Para nortear a construção da pesquisa, o questionamento proposto foi: Qual a função do 'manhês' na relação mãe-bebê? Discussão a qual traz diversas ramificações, algumas das quais serão expostas neste trabalho.

O objetivo geral foi apresentar a função do manhês na relação mãe-bebê. Portanto, o Capítulo I “*Compondo o Manhês*” foi definido como possuindo o objetivo específico de contextualização do conceito de Manhês. Já o capítulo II “*O Eu e o Outro: O Manhês e seus simbolismos*”, tem a proposta de discorrer sobre a função articulada de dimensão simbólica da formação do Eu e reconhecimento do Outro.

A metodologia utilizada na construção do presente trabalho foi uma revisão bibliográfica, qualitativa-exploratória. A natureza da pesquisa, uma vez, trouxe dados bibliográficos científicos que foram essenciais na construção do trabalho acadêmico. Tendo um embasamento em artigos que possuíam uma articulação conceitual nas obras de Sigmund Freud, Jacques Lacan, Melanie Klein e Donald W. Winnicott. Além disso, foram utilizados artigos relacionados à temática, selecionados através de buscas nas plataformas digitais da Scielo e Google Acadêmico.

Os conteúdos e obras utilizadas para pesquisa geraram suporte para criação de escritos subjetivos e citações sobre as teorias e fundamentações necessárias para interpretação e construção do significado do tema focal do trabalho. Os escritos subjetivos, realizados neste trabalho, foram ligados às obras originais com referências diretas e indiretas.

UM PERCURSO PELA PSICANÁLISE

Para adentrar a temática, e realizar um percurso pela psicanálise alguns conceitos chaves necessitam ser evidenciados, e ao propor o foco na conjuntura do Manhês necessitamos compreender as características que os denominam como tal, além das configurações as quais ele se encontra interligado.

A origem do sujeito é anterior ao nascimento. Características de identidade como nome, saúde e crescimento são analisadas como a representação da mãe que

cria, a intersecção de vários desejos, expectativas e emoções sobre o bebê que por sua vez se encontram na base do relacionamento entre mãe e bebê. (RAFHAEL-ESQUERDA, 1991; PICCININI, 2004 *apud* SILVA; PORTO, 2016).

Ao nascer, o bebê encontra-se em uma condição de desamparo, necessitando de cuidados, proteção e formas de satisfação. Embora tenha funções gradativamente ativadas enquanto no ambiente intrauterino, ainda há pouco desenvolvimento em relação a suas funções cerebrais e sua subjetividade. Essa configuração exige que o bebê forme uma relação de dependência absoluta da mãe, relação de absoluta dependência da mãe, sendo essa essencial para a construção da personalidade do bebê, uma vez que a natureza da relação mãe-bebê provoca respostas de ambas as partes. (SILVA; PORTO, 2016)

No período da primeira infância, que se constitui no período de nascimento aos seis anos, o psicanalista e professor, Luís Claudio Figueiredo indica em “A metapsicologia do cuidado” (2007, *apud* PIEROTTI *et al.*, 2010), que as relações afetivas são moldadas pelo aspecto sensorial das experiências – estes que compreendem-se como vivências corporais determinadas por marcas de outros em um corpo. No caso da mãe, o cuidado materno permite que as experiências sensoriais adquiram sentido, significado.

O Manhês, conforme caracterizado por psicolinguistas, como Fernald (1982, pp.104-13, *apud* Laznik, 2000), configura-se como uma pronúncia que possui diversas características específicas em torno da gramática, pontuação e glissandos, além de incluir uma melodia, prosódia, específica.

Denominado como primeiro objeto de Pulsão Oral por Marie-Christine Laznik (op.cit), no apropriadamente intitulado “A voz como Objeto de Pulsão Oral,” o Manhês se configura como essencial para o bebê no seu funcionamento psíquico, atribuindo-o aos traços mnemônicos e ao subsequente polo alucinatório de satisfação.

Essa experiência de alucinação primária é configurada pela reivindicação, ou associação desses traços mnemônicos nessa interação satisfatório como o Outro⁴. Freud (1973)⁵ descreve a constituição inicial do aparelho psíquico através deste auto-erotismo, que reflete de toda a configuração da presença e ausência do Outro, através dos aspectos psicolinguísticos como presente no Manhês.

O Manhês e as propriedades presentes nele revelam a dimensão primordial dessa relação mãe-bebê. Suas propriedades trazem uma aproximação da fala adulta (já composta) ao falar do bebê, esse movimento espontâneo de adaptação leva a uma

⁴ O Outro, em maiúsculo apresenta a esta configuração, pois Lacan o denomina como “o grande Outro (A),” o lugar de fala e conseqüentemente o lugar de verdade.

⁵ Importante denotar que o Projeto (1973) é o único texto em que Freud aborda de forma minuciosa o papel do outro assegurado na constituição do aparelho psíquico.

profunda identificação entre mãe-bebê, e contribui, através do balbucio, respondendo ao componente melódico do Manhês em relação ao bebê em sua aquisição linguística.

Um dos motivos que o Manhês possui uma configuração diferenciada da fala tradicional com elementos como diminutivos, repetições, estruturas sintáticas das frases de uma forma mais simplificada, além do característico timbre agudo e prosódia com ascendentes, descendentes e pontos silábicos demarcados (FERREIRA, 2001). Através deste movimento e dos seus registros simbólicos subsequentes, podemos nos referir às atividades de causação do sujeito.

Autores estudiosos da área (BENTATA, 2009, CATÃO, 2008. *apud* LAZNIK, 2000) destacam que o manhês é um convite ao alienar-se, sendo os significantes adquiridos pela musicalidade da voz, a mãe - o materno traz um significante mínimo, isento de limites, o que leva o infans a se alienar perante o desejo do Outro. A musicalidade do Manhês é comparada como a voz da sereia para o *infans*⁶:

“...a voz da sereia evoca esse encantamento de outrora da voz materna, quando o significante da presença da mãe equivalia à manifestação de sua voz. A voz do grande Outro materno sucedia ao grito de chamada” (Bentata, *op.cit*).

Uma questão semântica que vale a pena ressaltar é que em sua nomenclatura “original”, na língua inglesa, Manhês como já foi supracitado denomina-se como “*Motherese*”, e nessa palavra temos o Inglês para Mãe, “*Mother*”, nesta termos a palavra “*Other*,” significando nada mais do que Outro. Fink (1995, p.24 *apud* LAZNIK, 2000) trás essa observação para expandir a configuração para englobar aquele outro cuidador, que estará realizando a função materna, não sendo necessariamente a mãe biológica, mas aquele indivíduo que estará assumindo a configuração de Outro Primordial no bebê.

1 - COMPONDO O MANHÊS

Configura-se como um processo essencial para a constituição de um sujeito como um Eu, uma série de nuances e questões específicas vinculadas à estímulos gerados pelo Outro e pelo ambiente. A função materna assume um papel que é extremamente indispensável e essencial na significação, no desenvolvimento da criança e na estruturação dos aspectos psíquicos. Vários autores têm-se debruçado sobre esta temática e suas complexidades, o que é compreensível, sobretudo ao levar em conta a vasta expansão e complexidade do aparelho psíquico.

⁶ Termo utilizado, por Jacques Lacan, para designar os que ainda não falam.

Jacques Lacan (1964 *apud* LAZNIK, 2000) denomina sujeito humano como *Falasser*⁷, pois este encontra-se de imediato na fala, na linguagem, o sujeito que é afetado por significantes. Considerando isso em consideração, ele observa que o Outro, a quem é atribuída a função materna, é o que possibilita ao bebê a existir através do significado e da linguagem. O *Infans*, encontrando-se em uma posição onde se tem a impossibilidade de sobrevivência através de seus próprios recursos, necessita do Outro para preencher tais lacunas e satisfazer as suas necessidades presentes, e potenciais.

Ele trilha um percurso no qual ele toma a voz como, “algo instaurado pelos lugares do discurso,” trazendo assim uma atenção para a complexidade das articulações do sujeito que vocaliza – fala – nas vozes ao qual ele houve. Continuando, Lacan traz a voz como vinculada significante e como elemento de sustentação dos significantes na fala, que posteriormente postula, como possuintes de desejo que entraram no circuito como Objeto da Pulsão Invocante.

É importante contextualizar que em Lacan, ao utilizar o conceito de pulsão estamos dialogando sobre um limite entre o simbiótico e o real, pois se encontra na interseção de dois registros. Diante dessa configuração e as configurações vinculadas aos registros: simbólico, real e imaginário⁸, elaborados por Lacan, podemos pontuar que a função materna transforma o corpo biológico em corpo erógeno e inaugura o campo das primeiras marcas e representações – o chamado recalque primário.

Assim, instala-se o circuito pulsional e a demanda dirigida à mãe, que subseqüentemente é por ela significada. Lacan afirma que a barra linguística marca a divisão do sujeito, que se revela na hiância entre dois significantes, relacionados entre si, que o significante representa um sujeito para outro significante. O que traz uma estruturação e contextualização à sua célebre frase “O inconsciente estruturado como uma linguagem.” Então, a demanda, antes de ordem fisiológica, se configura em uma demanda de ordem psíquica e pulsional, ligada ao campo do desejo do Outro – no Manhês esse campo de desejo se configura na prosódia da voz do Outro – esta objeto primário da Pulsão Oral (LAZNIK, 2000).

Essa voz que assume um papel de objeto em nosso trabalho, sublinha-se pela perda que refere-se ao objeto coisa (retomando a Freud), e que se configura de acordo com a presença-ausência deste objeto, deste Outro, aqui atribuído a mãe e sua voz, portanto ao Manhês. (LACAN, 1979 *apud* FERREIRA, 2001).

⁷ Neologismo utilizado por Lacan com o objetivo de substituir a palavra Freudiana Inconsciente; o *Falasser* surge da relação indizível com o gozo.

⁸ *Real, Simbólico e Imaginário* são registros através dos quais Lacan configura a estrutura psíquica. Cada dimensão possível, é resultado da dupla ligação que por sua vez constringe as outras duas.

Considerando isso, ao falar da voz e da função materna, observa-se que a demanda antes fisiológica do corpo biológico se reconfigura para erógeno, pulsional, assim inaugurando o campo de primeiras marcas e representações relacionadas ao campo de desejo do Outro.

Estudos psicanalíticos enfatizam que o bebê, ao nascer, possui fome de voz, sustentando que se trata de um apetite simbólico, configurado como um desejo que lhe possibilitará a sua existência através da sua significação e ressignificação a partir da tradução do Outro perante a essas necessidades, com a psicanalista, Inês Catão (2008 *apud* PIEROTTI *et al.*, 2010) traz que “O laço mais primordial com o Outro é o laço com a voz”, que por sua vez a estrutura psíquica do bebê se desenvolve e é constantemente modificada.

2 - EU E O OUTRO: O MANHÊS E SEUS SIMBOLISMOS

Com a presença do Manhês, as estruturas psíquicas do bebê – já inicialmente desenvolvidas no intra uterino através da comunicação da mãe-bebê – passam a ser formatadas. O shift do corpo de físico para o simbólico, denominado na psicanálise como erógeno, simboliza também e é atravessado pelas estruturas de desejo. O bebê passa por um processo chave de invocador à invocante perante a mãe e aos desejos, pelo manhês expostos.

Como ele não se configura como uma completude integral entre a mãe-bebê, podemos observar a configuração da presença-ausência como essencial. A ausência ou alienação, provoca frustrações, que são concebidas na mente do bebê como quebra na ideia de que a mãe é uma extensão de si, ou seja, uma separação, e que suas necessidades serão sempre atendidas.

Lacan em O seminário Livro 11, destaca que os dois registros – a alienação e separação – remetem às operações de causação do sujeito, através deste aspecto circular entre o Eu e o Outro (LACAN, 1979 *apud* FERREIRA 2001). Trazendo que o Eu se constitui no Outro, e após essa constituição, o Outro refere ao sujeito além de si, além do Eu.

A perda do objeto primordial, está vinculada a linguagem e subconsequentemente ao resultado da atuação do Manhês e engajamento do previamente caracterizado *Infans*, com a linguagem. Tratando-se então do alojamento em uma nova posição, onde o que se configura os significantes que se fazem presentes no meio como Voz, ao mesmo tempo que os significantes internos, por sua vez, denotam um dentro.

Este alojamento, característicos da adaptação da fala materna, permite ao bebê reconhecer a voz e gestos melódicos, a resposta do balbuciar e imitar sons do bebê, que caracterizam o início de sua aquisição linguística.

“no seu balbuciar, o bebê imita o que ele escuta do outro ao mesmo tempo que imita a si próprio.” (ANZIEU, 1989 *apud* SOCHA, 2008)

A construção do Manhês reflete um aspecto fundamental da aquisição linguística e do desenvolvimento, a distinção entre o que está contido no discurso e sua forma de vocalização. Na fala materna, o sentido atrelado ao dito está vinculado ao quê melódico e aos picos prosódicos do que nas palavras propriamente ditas. Esta configuração resulta em uma construção onde o plano afetivo engloba o que é isto independente das significações das palavras.

Melanie Klein (1971 *apud* SILVA; PORTO, 2016) ilumina a observação, que estamos sempre diante de dissonâncias, contradições e incompatibilidades, de tentativas posteriores de resolvê-las, ou no caso da função materna de suprir as necessidades do bebê e a subsequente frustração ao não se existir a possibilidade de sempre respondê-las, são algo omnipresente e inevitável da condição humana, além de ser o que estimula o funcionamento psíquico. Em outras palavras, toda essa configuração se inicia na relação mãe-bebê.

Quando entramos na perspectiva da abordagem Winnicottiana, há uma descentralização em relação ao Complexo de Édipo e a sexualidade – e uma movimentação para a Teoria do Desenvolvimento Emocional, onde o foco passa a encontrar-se nas relações de dependência do indivíduo – algo que a atravessa e configura essa teoria, é a função especular. Winnicott (1964, *apud* SOCHA, 2008) propõe o espelho como presente, mas o reconhecimento de si, não partiria do próprio espelho – como sugere Lacan (1949\1998 *apud* SOCHA, 2008), mas é resultado da presença e da relação estabelecida com o materno. Winnicott traz que os bebês são constituídos como necessitantes de cuidado desde seu nascimento, por sua mãe, numa configuração preferencial, ou, por decorrer de uma falta desta, alguém que assumira essa função materna – em aspectos tanto físicos quanto psíquicos (WINNICOTT 2000, *apud* PIEROTTI, 2010).

O *cuidado*, de forma mais específica, o cuidado e reconhecimento por presença e olhar materno – configuração necessária para a integração do *self* – que possui sua construção tomando como base as necessidades físicas do bebê e as vinculadas a seu corpo físico (Winnicott, 2011 *apud* SILVA; PORTO, 2016). Dessa dessa forma a organização de uma representação imagética de si, enquanto as questões de estrutura psíquica, suas necessidades serão satisfeitas pela figura da mãe – a qual Winnicott denomina de “Mãe suficientemente boa”, esta que segundo Winnicott (1983 *apud* SILVA; PORTO, 2016), é aquela que cuida do bebê, além de possuir outros afazeres,

mas que cujo a dedicação ao seu bebê é suficiente para que as necessidades de amparo deste sejam supridas.

Para Winnicott, essa função especular atua na integração da criança ao se olhar no espelho irá observar nada menos do que o que seu Eu, previamente observou ao olhar o rosto de sua mãe, que em sua expressividade afetiva, devolve o olhar do bebê para si mesmo, reconhecendo e observando-o, gerando no bebê a aprovação e confirmação de sua própria existência. Dessa forma constituindo e integrando, o modo singular de ser daquele bebe, em seu *self*⁹.

“a tranquilidade de sentir que a imagem materna está ali, que a mãe pode vê-la e se encontra em rapport com ela.” (WINNICOTT, *apud* SOCHA, 2008).

Majoritariamente trazendo proposições que vinculam-se a respeito do olhar, porém como já mencionado, este olhar toma um sentido ontológico voltado para o *cuidado*. Configurando assim que a função especular reverbera em outros aspectos sensoriais, não apenas o olhar, tendo assim entre a mãe e o bebê muitos “espelhos” configurados a ordem do sensível ou sensorial.

Portanto a fala da mãe – a qual podemos atrelar com o ambiente sonoro especular da mãe para o bebê, possui características específicas de musicalidade, glissandos e entonações. A mescla desses elementos, com a amplitude melódica direcionada ao bebê se configura sobre o conceito de “Manhês” que funciona como ponto de referência para o desenvolvimento psíquico do *Infans*.

Winnicott argumenta que nos primeiros estágios de dependência “não há um lugar para a realidade não-eu,” (WINNICOTT, 1988, *apud* SILVA; PORTO, 2016), só sendo possível se pensar em um bebê quando se tem a mãe com ele, e a partir os cuidados que este recebe dela. Além disso, é importante o esclarecimento que não se tem uma diferenciação para o bebê entre o que ele é, e o que se significa como o “não eu.” O *infans* não possui consciência de si próprio, uma vez que ele não se encontra integrado, em outras palavras, ainda não é capaz de reunir sensações e impulsos em seu *self*. Como Winnicott aponta (1987, *apud* SOCHA, 2008) para o bebê, a voz da mãe sempre carregará um que de carinho, cuidado e afeto, um paralelo a sua configuração especular.

A especularidade materna, e seus aspectos vinculados às formas de afetividade e adaptação, podem observar-se como essenciais para que o bebê encontre seu espaço para não só a integração de seu *self*, como para a constituição de si próprio.

⁹O *Self*, na visão winnicottiana, configura-se como tudo aquilo que forma o sujeito, tudo o que forma o indivíduo, é inato, corporal, é constituído pelas experiências que o sujeito traz do meio.

Partindo das concepções especulares de Winnicott, Didier Anzieu (1989, *op. cit.*) realiza considerações que atravessam tanto a visão winnicottiana, quanto os conceitos lacanianos, evidenciando a conceitualização de um espelho sonoro, que Anzieu descreve como um “banho melódico” da fala entre mãe-bebê. O espelho sonoro de Anzieu tem uma função que se esculpe como “aquisição pelo apetite psíquico da capacidade de significar e depois simbolizar” (*op. cit.*)

Fortemente influenciado pela tradição psicanalítica francesa, Anzieu, realiza um caminho similar a Winnicott porém retorna à proposição lacianiana. Esse percurso, é traçado de maneira a reter a metáfora especular, mesmo que ele apresente uma divergência teórica, que vem a se constituir por duas facetas divergentes¹⁰ em um fenômeno único. Em uma faceta temos a égide do psiquismo, e na outra a faceta do *self*. Vinculada à maternidade, a mãe assume uma posição de atuação onde ela metaboliza e transforma as previamente experiências brutas em elementos de característica simbólica psíquica.

Wilfred Bion (1962, *apud* PIEROTTI *et al.*, 2010) apresenta a conceitualização de *rêverie*, esta que indica a capacidade materna de contenção e abrigo ao bebê, e que o oferece palavras. Acolhendo-o com sua capacidade de sonhar (a palavra *rêverie* é derivada do francês *rever*, que denota sonho), a mãe tem assim a capacidade de realizar uma metabolização, no sentido de que o que é advindo do bebê – os elementos de carácter sensorial que não foram transformados a um nível psíquico – e exercem a função de transformação para que os elementos de carácter psíquico sejam utilizados em pensamento.

O que por Bion é denominado como *rêverie*, se apresenta como *holding* (sustentação, suporte), na literatura winnicottiana, que é uma das ações realizadas pela “mãe suficientemente boa”, cujo conceito foi previamente mencionado neste trabalho quando dialogando sobre o conceito de função especular, que está vinculado à capacidade materna a identificar-se com seu bebê.

Sendo então um facilitador na vinculação para com a criança, que atrela-se aos ajustes que contribuem a capacidade da criança de gozar as experiências “reais”, e através da qual a criança passa a sentir-se integrada em si e diferencia-se do mundo, eu-ambiente. (WINNICOTT, 2001 *apud* SILVA; PORTO, 2016)

¹⁰ É importante pontuar que apesar de divergentes, estas não implicam uma oposição entre *self* e psiquismo, apenas estão indicando os eixos principais aos quais os autores sustentam sua compreensão quando falando sobre função especular.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos objetivos propostos no presente estudo, de caracterizar a composição e a função do manhês dentro da esfera da formação do Eu e reconhecimento\separação do Outro à luz da perspectiva psicanalítica, considera-se que foi possível a reflexão diante destes temas. Trazendo configurações e a integração de diversas teorias para contextualizar estes fenômenos, e compreender todo o processos psíquicos vinculados a este.

Diante da contribuição de autores pioneiros na área como Sigmund Freud, Jacques Lacan, Donald W. Winnicott, Melanie Klein, René Spitz e Wilfred Bion, dentre outros, os quais teorias desenvolvem e abordam as constituições psíquicas individuais e os desenvolvimentos vinculados ao emocional, constata-se que a díade mãe-bebê vinculada à relação materna é extremamente importante para a constituição do bebê como sujeito. É através desse investimento por parte da mãe que o bebê poderá se configurar como desejante. A Simbiose, que configura-se como uma fusão imaginária de completude, vinculada a díade mãe-bebê, é para diversos autores, uma fase essencial do desenvolvimento infantil, mesmo levando em conta todos os desdobramentos e configurações patológicas e, para outros é vista como uma relação narcísica com o objeto.

Observando todas as pontuações aqui destacadas, é importante levar em consideração as características essenciais quando o ponto em questão é o manhês. Se uma parte deste temos a sua prosódia (características melódicas) – que é atraente a escuta, na outra temos sua falta, sua pausa, a marca de vazio que se conforma na alternância em presença-ausência, que convoca o infans a trazer significações ao que ocorre. Sendo importante ressaltar que ao falar sobre o Manhês as palavras direcionadas ao bebê não importam em sentido, o importante se configura na vocalização da prosódia.

O sentido só será significado posteriormente, após o ressoar no corpo, e as amarrações significantes, realizadas pelo próprio sujeito em seu processo de significação, a partir da estruturação, desestruturação e reestruturação subsequentes vinculadas aos glissandos prosódicos que chamam a atenção do bebê e aos subsequentes vazios (LACAN, 1979 *apud* FERREIRA, 2001). O Manhês evoca o bebê a se fazer presente no campo simbólico, operando com o objeto voz que se mantém nos intervalos da fala a ele dirigida, e que apresenta uma configuração pulsional pelas dimensões Real, Simbólico e Imaginária. Sendo somente a partir desta que a criança é capaz de apropriar-se como falante, já que ao saber quem é, o lugar por ela ocupado e seus sentidos, será onde ela virá a sentir uma necessidade de se postular como um “eu” para um “Outro”, este que é diferente de si e que assume um papel de ouvinte a sua fala.

Assim, pode-se então entender o Manhês como essa manifestação linguística, que gera identificações e significâncias únicas, e que a si possui atrelada um valor simbólico único, cujas vinculações afetivas são essenciais para as identificações de si, do seu Eu e do Outro.

REFERÊNCIAS:

FERREIRA, S. S. Por que falar ao bebê se ele não compreende. Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar. Anais... In: II CONGRESSO NACIONAL SOBRE O BEBÊ: PSICANÁLISE E INTERDISCIPLINARIDADE. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

LAZNIK, M.-C. A voz como primeiro objeto da pulsão oral. Estilos da Clínica, v. 5, n. 8, p. 80–93, 2000.

SILVA, R. S.; PORTO, M. C. A Importância da Interação Mãe-Bebê. Ensaio e Ciência: C. Biológicas, Agrárias e da Saúde, v. 20, n. 2, p. 73, 5 ago. 2016.

PIEROTTI, M. M. DE S.; LEVY, L.; ZORNIG, S. A.-J. O manhês: costurando laços. Estilos da Clínica, v. 15, n. 2, p. 420, 1 dez. 2010.

SOCHA, A. A função especular da voz materna e suas referências ao psiquismo e à constituição do si mesmo. 2. ed. [s.l.] Winnicott e-prints, 2008. v. 3, n1e2, p. 1–18.